

## S. Joaquim e S. Ana, Pais da Virgem Maria (Igreja da Santíssima Trindade)

### *Aroma de festa*

Hoje, somos convidados a visitar S. Joaquim e S. Ana, na sua casa de Nazaré. E, como é dia de festa, vamos acompanhar os parabéns, com algumas das melodias que já foram ensaiadas. Com efeito, a vida familiar é uma espécie de liturgia celebrada na intimidade do lar e com abertura para quantos são vizinhos ou amigos que vêm de mais longe. Os filhos, esses participam da festa, atraindo o carinho de todos e, mormente, o afecto virtuoso dos pais. Neste caso, está a pequena Maria, que mais tarde será saudada pelo Anjo, como ‘cheia de graça’. E quando José se associar como noivo ou marido, teremos o compasso alargado, dando lugar aos avós, aos pais, aos filhos e aos netos. O restante da família é menos conhecido e já não se assume com a mesma responsabilidade; embora, na cultura judaica, todos sejam tidos como irmãos. Por isso, havemos de ouvir, quando Jesus for já grande: *não é Ele o filho do carpinteiro e não conhecemos nós sua mãe e seus irmãos*? Bem sei que isto é mal lido pelas seitas e pelos romancistas que vagueiam menos pela realidade e mais pela imaginação.

Mas vamos, agora, reparar de mais perto, na serenidade e na paz do casal. Um e outro mostram-se disponíveis e sabem acolher as visitas com aquela transparência que, mais tarde se há-de respirar na Gruta de Belém. Quer dizer: a vida partilhada, não é só à conta do bem-querer, mas também dos valores fundamentais inspirados pela fé. E quando estes são esquecidos ou até desprezados (como acontece, frequentemente, no tempo de hoje), em vez de acolhimento e paz, observa-se a ruptura de um amor que não estima a virtude nem saboreia o perdão. E, então, a dispersão acontece e os filhos são pesados na balança do capricho.

Para mais, naquele tempo, a discrição e o sentido da fidelidade, eram gestos quase sacramentais. E, hoje, também o são, e mais ainda; simplesmente, a chamada cultura moderna prefere o caminho da autonomia laica e nutre simpatia pelos ídolos da ganância e do prazer, que são feitos à medida de cada um e fabricados pelas próprias mãos. E, então, fala-se de ‘crise’, muito assente no dinheiro e na ambição dos mercados. Mas não é por aí que acontece a felicidade nem a confiança consegue dar bons conselhos. Ao contrário, azedam as relações, porque todos sabem tudo e ninguém quer aprender. E o resultado está à vista: ‘eu é que sei’... ‘tudo é igual’... e a avaliação dos mais poderosos decide onde pôr o ‘lixo’.

Entretanto, avaliemos de perto o que vemos e ouvimos, na casa de S. Joaquim e S. Ana. Para além do acolhimento e da paz acima referidos, respira-se o perfume da virtude que passa de pais a filhos. E mais do que a vaidade de ‘ter’, cultivava-se a alegria de ‘ser’, que gera admiração e atrai as bênçãos de Deus. É esta a verdadeira herança assente na gratidão do passado e na confiança do futuro. E é, também, a harmonia mais sonora que se ouve no coro da família, quando o ‘maestro’ percorre com os olhos e a ondulação do compasso, o timbre da voz que chega dos pais, dos filhos, dos avós e dos netos. Quando falta um destes elementos, o compasso é mais pobre e a melodia familiar torna-se menos sonora. É certo que a sociedade teima em reduzir a família a um mero ritmo ternário, com pouca ligação entre si: a casa para os pais, a creche-

jardim para os filhos, e o lar para os avós. E este ritmo assim concebido, tilinta a dinheiro, mas não inspira amor nem confiança.

### *Memória e tradição*

Demos, agora, um pouco de atenção à sabedoria de Bem-Sirá - pessoa viajada e profundamente conhecedora das Escrituras. Os propósitos que ele apresenta, são os seguintes: mostrar aos jovens que a memória do passado é herança a agradecer, a conservar e a valorizar; e que a cultura judia, rica de tradição ou da memória do passado, nada tem a ceder (nem a temer) diante da ambição do helenismo. Com efeito, as pessoas que perdem a memória (e, bem assim, um povo ou uma comunidade religiosa), dão da humanidade uma imagem muito triste. E a própria fé dificilmente subsiste sem memória daquilo que viveu e recebeu dos maiores. Por isso, Bem-Sirá adverte: *a Bíblia não é um livro de história ou um objecto de museu; é, antes, um livro para ler, para meditar e para reescrever com a vida*. Daí, que tenha gosto em apresentar como modelos, tanto a judeus como a pagãos, aqueles que no passado deixaram nome e deram testemunho da sua fé. E acrescenta: *os seus filhos permanecem fiéis à Aliança e, graças a eles, também os filhos dos seus filhos*.

Ora, ao celebrarmos esta liturgia, sentimos igualmente o dever de transportar os olhos e o coração até ao passado longínquo da pregação de Jesus e ao testemunho fiel dos nossos pais e de quantos nos edificaram com o seu exemplo. Sem isso, de pouco serviria a melodia dos cânticos e o ritmo do compasso. Mas tudo combinado, ajuda a valorizar o louvor e a gratidão, fazendo-nos apetecer a mesa da Eucaristia. Quer dizer: em liturgia (que o mesmo é dizer, na experiência da fé vivida e celebrada) nada diz o individualismo e o relativismo, tão apregoados à nossa volta. Diz, sim, a comunhão de mãos dadas, enquanto virtude e sacramento, e o testemunho que se torna memória e tradição.

### *A cor da felicidade*

Entretanto, se na visão de Bem-Sirá, os 'ilustres' do passado são os que deixaram o caminho perfumado de virtude... no Evangelho de Mateus, são os que acolhem o 'reino', mostrando-se simples, disponíveis e atentos. Na realidade, Jesus atraiu-os à Sua escola e foi-lhes revelando os mistérios do mesmo reino. E, por isso, chama-lhes '*felizes*'! Mas o evangelista refere-se somente aos primeiros discípulos ou a escola de Jesus continua pelo tempo além? Continua, desde que saibamos escutar a Sua mensagem e interpretar os sinais que Ele realiza. Simplesmente, o tempo e a moda também querem fazer de escola, e valem-se dos meios de comunicação, para interpretar a vida à sua maneira. E, assim, misturam os programas bons e maus, a fim de dificultar o discernimento; e retiram o pudor dos 'écrans', a fim de não deixar escrúpulos na linguagem nem nos comportamentos. Quer dizer: voltamos ao Jardim do Éden... mas, aí, Adão sentiu vergonha!

Finalmente, Jesus olhando para os discípulos, falou assim: *"muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não viram; e ouvir o que vós ouvís e não ouviram"*. Ora, estas palavras valem como conforto e, também, como exortação. Como conforto, experimentando uma presença que é, ao mesmo tempo, revelação; e como exortação, para que o caminho seja feito com alento e sem desânimo. E uma vez que a

liturgia é pedagoga da fé, que o seja particularmente neste dia, à conta de S. Joaquim e S. Ana e de todas as famílias, onde os filhos são 'dons', os pais 'berço' de virtude e os avós 'aconchego' de esperança que vem do passado e aponta o futuro.

E, assim, vale a pena cantar solenemente, harmonizando o ritual e o coro, de molde a contagiar toda a assembleia, com fé e gratidão. Graças a Deus!

Fátima, 26 de Julho 2012

+ Augusto César